



Ciência e meio ambiente:
urgências para o ensino
de jornalismo

22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo
e IV Congresso de Jornalismo da Amazônia

De 25 a 28 de Abril de 2023

local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus/AM



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

O PROGRAMA INFORMATIVO CLUBE EM UM CENÁRIO DE CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA

Daniely Neiverth; dani.neiverth@gmail.com)¹

Guilherme Gonçalves de Carvalho; guilhermegdecarvalho@gmail.com (orientador)²

RESUMO

Este trabalho tem o propósito de debater sobre a convergência tecnológica no meio jornalístico, com foco no rádio, exemplificando a situação da Rádio Clube, de Ponta Grossa (PR), que é a rádio mais antiga da cidade. Após um debate entre autores com diferentes apontamentos, o trabalho permite uma breve contextualização histórica sobre a confluência entre o jornalismo e a tecnologia, e as mudanças ocorridas nas redações e na própria produção jornalística, dando destaque para a função do *gatekeeper* neste cenário. Nas conclusões, percebeu-se que o apresentador, além de assumir diversas funções, realiza a leitura de notícias e não utiliza outras fontes para checagem, colocando a credibilidade do programa em questão.

PALAVRAS-CHAVE

Radiojornalismo; Convergência Tecnológica; Gatekeeping.

1. INTRODUÇÃO

O encontro entre o jornalismo e a computação começou antes mesmo da chegada da internet. Em 1950, alguns meios de comunicação experimentaram o uso de computadores na cobertura jornalística. Uma das experiências frequentemente citadas como um exemplo pioneiro foi realizada pela CBS em 4 de novembro de 1952 (SALAVERRÍA, 2019).

Em 1970, o jornalismo foi caracterizado pelo aumento de suportes tecnológicos (RENAULT, 2013, p. 34). “Além de cargos e funções que sobrevivem até hoje, como repórter, editor, secretário e chefe de redação, havia nas redações o repórter auxiliar, de setor, noticiarista e redator auxiliar”.

¹ Mestranda em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

² Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Salaverría (2019) aponta que, na década de 1990, a maioria dos países viram nascer as suas primeiras mídias digitais, aderindo à tendência nascida nos Estados Unidos. Estas novas mídias eram quase sempre promovidas pelos jornais.

As redações antes cheias de profissionais, são marcadas agora por uma produção enxuta. Um único profissional realiza várias funções necessárias em uma redação jornalística, denominado por Renault (2013), como jornalista multimídia, o qual convive com uma pressão diária para realizar as suas funções em prazos menores.

O processo de convergência pode ser parte da solução para as redações dos jornais diários, que todos os dias pautam os assuntos de interesse e o grau de credibilidade que os cidadãos atribuem. Silva (2013) complementa:

Mas implica também a disponibilidade para qualquer media estar apto a cobrir qualquer história, independentemente da plataforma de distribuição, e estar apto a assumir a integração da multimedialidade no seu processo de elaboração de conteúdos (p. 5).

No rádio os avanços tecnológicos ocorreram desde o seu surgimento até os momentos mais decisivos. A tecnologia garantiu, de certa forma, a sobrevivência do rádio, mas, também o forçou a mudar sua linguagem e estruturas narrativas (BUFARAH JR, CARVALHO, 2019).

A continuidade do rádio permitiu que a produção jornalística deste meio fosse reformulada para a sua própria sobrevivência. As mudanças podem ser vistas desde a produção até a veiculação final, sem deixar de citar as interações diretas com os ouvintes, feitas por comentários nas redes sociais, já que, agora, as transmissões não se limitam apenas ao rádio.

Este trabalho tem o objetivo de trazer reflexões sobre a qual a real função do jornalista em um cenário de convergência tecnológica no rádio, sob a hipótese de que apenas um profissional, hoje, tem se dedicado a inúmeras funções e tensionamentos dentro da empresa, não apenas como *gatekeeper*, mas também como redator e editor, por exemplo. A pesquisa foi realizada através de observação não-participante, com o objetivo de se aproximar do objeto empírico através de levantamentos bibliográficos sobre o tema. As discussões contornam o cenário da emissora de rádio mais antiga de Ponta Grossa, a Rádio Clube, especificamente no programa Informativo Clube. Ao longo da pesquisa, foi possível notar que apenas um profissional estava à frente da

apresentação do programa, realizando a leitura de boletins oficiais de órgãos de segurança pública e de materiais de assessoria.

2. CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA NO RÁDIO

Apesar de concretizar-se nos moldes da imprensa escrita, o radiojornalismo se diferenciou desta e atualizou a maneira de se fazer jornalismo. A convergência tecnológica é um fenômeno que também influenciou as emissoras. Ferrareto cita como exemplo, no começo dos anos de 1990, a chegada da internet, dos celulares e dos computadores. “Trata-se da fase de convergência, na qual as emissoras de rádio, além de buscarem a disponibilização de seu sinal em outros suportes que não o meramente hertziano, começaram a oferecer conteúdos adicionais” (2011, p. 20).

Para visualizar como ocorre o processo de produção jornalística neste meio, ele traz um exemplo de divisão de tarefas em um setor de radiojornalismo:

[...] pretende-se concentrar o foco em três funções essenciais e frequentes ao microfone das principais emissoras brasileiras dedicadas ao jornalismo: (1) a de âncora, profissional especializado na condução de programas, definindo pautas, entrevistando fontes, interagindo com repórteres e interferindo com informação, interpretação, opinião, serviço e mesmo entretenimento; (2) a de comentarista, aquela caracterizada por posicionamentos marcados pela análise, crítica, e contextualização do cotidiano; e (3) a de repórter, exercida por quem tem a função de, estando no palco de ação de um acontecimento, saber extrair dos dados de realidade o que se supõe seja de interesse para o ouvinte. (FERRARETO, 2011, p. 149)

O pesquisador coloca essas três funções como essenciais nestes programas, no entanto, não é uma regra estabelecida. Apenas se aproxima do que seria o “ideal” para que o jornalismo seja feito de maneira mais efetiva. Atualmente, as três funções podem perder o seu sentido, ou, sofrerem atualizações de nomenclatura, devido aos fenômenos da convergência tecnológica.

Segundo Prado (2012), o rádio multimídia permite que um conteúdo seja transmitido com facilidades, por aplicativos disponíveis gratuitamente na internet. Além de não ser mais necessária a aquisição de um aparelho de rádio, os ouvintes podem escutar determinada emissora através destes aplicativos, ou de redes sociais. “O chat acoplado ao streaming é o termômetro de como está a audição e pode medir a

interatividade do público fiel. O chat hoje é a extensão da interatividade do passado, que chegava por meio de cartas e no final dos anos 90, pelos e-mails” (PRADO, 2012, p. 21).

O rádio é um dos meios que teve adaptações através da convergência tecnológica e segue com atualizações até hoje. Como exemplo, as mudanças das ondas do tipo AM (amplitude modulada) para ondas do tipo FM (frequência modulada). De acordo com um decreto publicado no Diário Oficial da União, a execução do serviço de radiodifusão do tipo AM será permitida apenas até 31 de dezembro de 2023 (BRASIL, 2021).

A mudança na frequência é apenas um dos aspectos de convergência tecnológica que podem ser percebidos no cenário atual do rádio no Brasil, conforme Lopez (2010, p. 37):

A potencialização do uso das tecnologias da informação e da comunicação e este novo cenário configurado para os meios de comunicação fazem com que o rádio contemporâneo se encontre em um marco, que determinará mais uma vez uma mudança em sua concepção e em suas rotinas – na produção radiofônica de maneira geral e, de maneira mais pontual, no radiojornalismo.

Renault (2013, p. 36) complementa a discussão incluindo os investimentos que, de acordo com o autor, “serão contínuos, porque a evolução tecnológica é permanente, assim como a necessidade de treinamento e capacitação de pessoal. E tudo isso tem um custo que precisa ser pago com faturamento”.

Esta tecnologia que afeta diretamente a comunicação, também tensiona jornalistas e donos de empresas de comunicação a reformularem não apenas a maneira de se fazer jornalismo, mas, repensar a própria profissão. “Agora, para atuar em rádio, o comunicador precisa trabalhar com ferramentas que vão além do áudio, além de, atualmente, já ser responsável por mais de uma etapa do processo de apuração, produção e veiculação da notícia” (LOPEZ, 2010, p.39).

A história do rádio no Brasil começa com poucas exigências, em suas primeiras décadas. O profissional necessitava de uma locução clara e voz firme, e a habilidade para interagir com seus ouvintes (LOPEZ, 2010). Hoje, do profissional, é exigido o bom manuseio de diversos tipos de dispositivos eletrônicos, como celulares, computadores e tablets. Também, o termo multitarefa foi, aos poucos, ganhando espaço dentro das redações jornalísticas.

Para desenvolver suas atividades na redação, o jornalista de rádio de uma emissora contemporânea atua em um ambiente multitarefa, onde tem à sua disposição tecnologias de apuração, edição e transmissão de conteúdo que objetivam agilizar e otimizar o processo de construção da notícia. (LOPEZ, 2010, p.39)

A apuração é um dos primeiros passos para a construção de uma notícia e esta técnica tem suas próprias especificidades que são igualmente influenciadas pelo processo de convergência tecnológica.

Na medida que a arquitetura descentralizada do ciberespaço desarticula o modelo clássico, o exercício do jornalismo nas redes telemáticas depende do estabelecimento de critérios capazes de garantir a confiabilidade do sistema de apuração dentro de um entorno com as especificidades do mundo digital. (MACHADO, 2002, p.4)

Os métodos de coleta, agora, podem ser ampliados em escala mundial, com uma série de *sites* e *blogs* nacionais e internacionais que disparam notícias em tempo real. Essa espécie de multiplicação de fontes dificulta ainda mais o trabalho do jornalista, que, agora, já se vê em uma situação multitarefa. Machado (2002) cita que as tecnologias desencadeiam duas vertentes para a utilização das redes. Em primeiro, as redes seriam um espaço capaz de nutrir jornalistas com conteúdos complementares aos dos métodos tradicionais. Em segundo, as redes poderiam formar uma modalidade distinta de jornalismo, e a produção de conteúdo permaneceria circunscrita aos limites do ciberespaço.

A construção e disponibilização de um site ou de um perfil que forneça informações é hoje uma tarefa simples para qualquer usuário da internet. Muitos destes sites têm validade para o jornalismo tanto na busca por personagens quanto por especialistas e fontes diretamente envolvidas no acontecimento. Organizações, instituições, bancos de dados especializados, outros meios de comunicação, agências de notícias e assessorias de comunicação, entre outros, têm seu espaço na rede e ampliam, para o comunicador, a variedade e abrangência das fontes com que pode conversar. (LOPEZ, 2010, p.43)

A internet permite, portanto, uma variedade de personagens ou fontes, que ajudam na construção de uma notícia. Lopez (2010) também afirma que neste cenário as fontes encontram um espaço mais democrático para transmitirem as suas informações. Já o jornalista, se vê mais uma vez na posição desafiadora de escolher e qualificar uma fonte, de acordo com seus interesses.

É função do jornalista, a partir do perfil de seu público e do veículo em que trabalha, exercer a função de *gatekeeper*, analisando a validade da fonte e da informação. Ao pensar a notícia projetada para um público, o jornalista conseguirá minimizar a predominância, em seu meio de comunicação, do conteúdo pré-elaborado de agências de notícias, assessorias de comunicação, etc. (LOPEZ, 2010, p.74)

Ou seja, em um primeiro momento, é através de função de *gatekeeper* que um profissional projeta a notícia de acordo com o interesse próprio ou da empresa. Porém, em um cenário de convergência tecnológica, apenas um profissional precisa estar apto para ser o *gatekeeper* e, ainda, realizar as demais funções.

3. O GATEKEEPER EM UM CENÁRIO DE CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA

Weber (2010) detalha que a teoria do gatekeeping surgiu nos anos 50 e foi aplicada por David Manning White. Ele foi o primeiro pesquisador a usar o termo que se refere à pessoa que toma decisões.

O processo inicia com uma variedade de mensagens em potencial viajando por múltiplos canais para qualquer um dos muitos tipos de organizações de comunicação, como uma agência de notícias, um blog, uma agência de relações públicas, um jornal impresso ou um canal de televisão. Uma organização pode ter múltiplos membros de uma equipe operando como mediadores (boundary role) de materiais recebidos, cada um com o poder de controlar quais mensagens em potencial de fato entram para a organização e, posteriormente, de modelar a mensagem selecionada. (SHOEMAKER; VOS, 2011, pg. 161)

Anteriormente, o *gatekeeper* estava dedicado à seleção das notícias. Era ele quem decidiria o que era ou não “noticiável”. Hoje, um único profissional pode realizar as tarefas de seleção, apuração, construção e tratamento da notícia, e, por vezes, a sua veiculação. O problema deste fenômeno é que há uma certa tendência para que jornalistas, em meio às novas estratégias impostas pela convergência tecnológica, não irem a campo, mas, apurarem informações de sites, *blogs* e fontes oficiais, justamente pelo pouco tempo e pela quantidade de trabalho de um profissional multitarefa. Estes “novos hábitos” podem comprometer o trabalho de apuração jornalística e o tratamento correto feito pelos profissionais.

Novamente, dentre diversas definições que extrapolam as discussões de comunicação e podem seguir, até mesmo, para discussões filosóficas e sociológicas.

Assim como cada disciplina científica constrói os fatos com os quais trabalha, a notícia é a unidade básica de informação do jornalismo. São os fatos jornalísticos, objeto das notícias, que constituem a menor unidade de significação. O jornalismo tem uma maneira própria de perceber e produzir "seus fatos". Sabemos que os fatos não existem previamente como tais. Existe um fluxo objetivo na realidade, de onde os fatos são recortados e construídos obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas e subjetivas. (GENRO FILHO, 1988, n.p)

O autor salienta que a subjetividade é o que define a escolha, pois “o conceito de fato, porém, implica a percepção social dessa objetividade, ou seja, na significação dessa objetividade pelos sujeitos” (GENRO FILHO, 1988). A escolha da notícia não ocorre simplesmente por sua existência, mas pela sua significação diante de diversos critérios. Estes critérios envolvem tanto o próprio jornalista como a empresa.

O *gatekeeper*, segundo Shoemaker e Vos, trabalha de diversas maneiras para atingir os mais variados objetivos. As suas concepções envolvem as formas de pensar sobre determinado problema, estratégias da equipe ou da empresa na totalidade, e valores que afetam as escolhas durante a seleção e modelação de uma notícia. “Mas o *gatekeeper* não tem total liberdade para seguir caprichos pessoais; ele deve operar dentro das restrições das rotinas de comunicação de forma a realizar suas tarefas de uma maneira e não de outra” (2011, p. 163). No cenário de convergência tecnológica, onde os profissionais são multitarefa, a função de *gatekeeper* também pode ser moldada e reformulada de acordo com os objetivos de cada empresa e seus interesses.

Os autores afirmam que uma notícia é selecionada pelo primeiro portão e, depois disso, é moldada sob os conformes da organização. “Mudanças históricas nas tecnologias, políticas ou práticas podem precipitar mudanças na forma como itens e informações jornalísticas são selecionados e transformados em notícia” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 168).

Weber enfatiza que os jornalistas do século XXI já estão sendo preparados desde as universidades para lidar com a abundância de informação e processos de produção cada vez mais acelerados. “Para atender a mudança de hábitos e expectativas do mercado, incluem em suas matrizes curriculares disciplinas sobre jornalismo e as novas mídias” (2010, p. 3)

A pesquisadora também salienta que a teoria do *gatekeeper* perde sua força quando aplicada às redações digitais, pois há uma certa ausência de limitação de tempo e espaço, que são cruciais para a escolha das notícias em mídias tradicionais (WEBER, 2010, p. 10). Ou seja, dentro do cenário de convergência tecnológica, a função do *gatekeeper* pode ser distorcida e até mesmo diferente do que se aprende na teoria do *gatekeeping* nas universidades. Ao mesmo tempo que estudantes podem estudar a teoria, os mesmos são preparados para trabalharem em múltiplas funções.

4. O PROGRAMA INFORMATIVO CLUBE DA RÁDIO CLUBE DE PONTA GROSSA

A Rádio Clube é a emissora mais antiga de Ponta Grossa, com 83 anos de atuação. A emissora tem uma longa história nas transmissões de jogos, inclusive da Copa do Mundo. Atualmente, a Rádio Clube tem a maior parte da grade de programação de segunda à sexta-feira dedicada a programas musicais (5). Os demais horários são divididos em programas jornalísticos (3), esportivos (2), religiosos (1) e variedades (1). Os dados foram levantados através de uma observação não-participante, durante a primeira e segunda semana de janeiro de 2023. O acompanhamento pôde ser feito através das redes sociais da emissora, onde há a transmissão ao vivo do programa, o qual também é transmitido no rádio. Dentre as programações jornalísticas, o programa Informativo Clube foi escolhido para descrição e análise neste trabalho, por ser o mais antigo ainda em veiculação, desde o ano de 2014.

A equipe do programa é formada apenas pelo apresentador Carlos Alberto Mayer, o qual realiza a apresentação de notícias, além de leitura de textos publicitários. A veiculação ocorre em frequência de rádio e, igualmente, no formato ao vivo nas redes sociais *YouTube* e *Facebook*, desde o ano de 2020.

Após o acompanhamento do programa, por meio das redes sociais, notou-se ser o único a transmitir notícias policiais entre todas as programações da Rádio Clube. Nesta editoria, não há cobertura em campo feita por parte do jornalista, todas as notícias são lidas por meio de dispositivos, como computador e *smartphone*.

O apresentador lê integralmente as notícias policiais sem utilização de outras fontes para apuração, a não ser as consideradas oficiais, provenientes de órgãos de segurança pública. Nas outras editorias apresentadas pelo locutor, a narrativa não é diferente. No estúdio, Mayer lê, ao que parece, notícias provenientes de assessorias de imprensa. Não é possível confirmar se há, de fato, um tratamento nas notícias repassadas. Poucas vezes comentaristas aparecem durante a transmissão do programa.

4.1 Aspectos a partir da convergência tecnológica

A função multitarefa ocorre não apenas na produção jornalística em si, mas, também na veiculação de comerciais e na apresentação de diferentes editorias. O próprio apresentador muda sua entonação durante a leitura de comerciais de supermercados, por exemplo, ou na leitura do obituário.

Nota-se que a Rádio Clube, mesmo com mais de 80 anos, também participou do processo de convergência tecnológica, seja pela transmissão através das redes sociais, seja pela diminuição do quadro de funcionários e da presença do jornalista multitarefa, que se senta em frente ao computador e realiza a leitura de notícias, com poucas aparições de comentaristas e sonoras externas.

A audiência da Rádio Clube permanece alta, de acordo com pesquisas³. Em dezembro de 2022, a rádio foi a mais ouvida por meio de transmissão online na cidade de Ponta Grossa, com 16.249 ouvintes.

As mudanças ocorridas na Rádio Clube podem ser notadas a partir da visão do jornalista Aldo Mikaelli, que trabalhou na emissora:

A Clube tinha um auditório que dava inveja a qualquer emissora de rádio do Brasil. Era tudo com cortina de veludo. A emissora tinha dez filiais, que formavam a Rede Paranaense de Emissoras. Antigamente, as notícias eram captadas por telégrafo. A emissora tinha um departamento de notícias. Hoje, não. Os caras pegam o jornal, que eu tenho visto muito por aí, e leem todas as notícias. (SANSANA, 2020, apud MIKAELLI, 2005)

Através das transmissões ao vivo, percebe-se que o estúdio de gravação é diferente daquele descrito por Mikaelli. Um jornalista mantém o programa no ar por cerca de duas horas, fazendo a leitura das notícias.

³ <https://www.radios.com.br/>. Acesso em 28 de março de 2023.

Há, supostamente, um padrão de seleção de notícias, pois, diariamente editoriais e certos assuntos são debatidos sem exceção, a exemplo das notícias policiais, obituário, previsão do tempo e política. Porém, aparentemente, não há uma apuração das notícias veiculadas. O apresentador lê o material na íntegra e não traz novas fontes para checagem de informações. Como supracitado, a função de *gatekeeper* perde sua força neste cenário de convergência tecnológica e, no programa em questão, as notícias são apenas retransmitidas para o público. Não é possível afirmar se há e como ocorre a seleção, porém, mesmo após selecionadas, as notícias aparentemente não passam por nenhum tipo de tratamento, pois, não há outras fontes e nem o trabalho em campo do apresentador.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, primeiramente, que apenas um profissional realiza diversas funções no cenário de convergência tecnológica. Ele pode ser o *gatekeeper* e, também, o redator, editor e apresentador. Nas universidades, os alunos já estão sendo preparados para enfrentar grandes tensionamentos nas redações e, também, para aprender a manusear diferentes aparatos tecnológicos.

Outro ponto é que, mesmo que não seja definido uma função específica para cada profissional, um programa de radiojornalismo consegue se manter em uma grade de programação. Um profissional parece ser o suficiente para o levantamento de informações, leitura de materiais publicitários e veiculação de notícias. Porém, não há como saber se estes materiais são tratados de forma adequada e pautados pela credibilidade.

Por fim, conclui-se que, dentro de um cenário de convergência tecnológica, como a Rádio Clube, é um desafio entender quais os critérios utilizados para a seleção das notícias e qual o real objetivo da escolha do que é ou não veiculado, justamente pela retransmissão de notícias que já vêm prontas de assessorias e da leitura de boletins.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Federal no 10.664, de 31 de março de 2021. Altera o Decreto nº 8.139, de 7 de novembro de 2013 e o Decreto nº 10.312, de 4 de abril de 2020. Brasília: DOU Diário Oficial da União. Publicado no D.O.U de 01 de abril de 2021.

BUFARAH JR, Alvaro; CARVALHO, Marcus A. Considerações sobre o impacto das novas tecnologias no radiojornalismo. **Rádio-leituras**, v. 10, n. 1, p. 41-59, jan-jun/2019.

FERRARETTO, Luiz Artur. Radiojornalismo no Brasil: do noticiário à convergência, alguns fragmentos históricos. In: **70 anos de radiojornalismo no Brasil 1941-2011**. UERJ, 2011.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. 1988. Disponível em <www.adelmo.com.br>. Acesso em 25 de março de 2023.

LOPEZ, Débora Cristina. Radiojornalismo hipermidiático. Covilhã: **LabCom**, 2010.

MACHADO, Elias. O ciberespaço como fonte para os jornalistas. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**, 2002.

Paraná - Estatística Rádios AM / FM mais ouvidas em Dezembro/2022. Radios.com.br, 2023. Disponível em: < <https://www.radios.com.br/estatistica/am-fm/2022/12?pais=33&uf=16>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Da Boa Prosa, 2012.

RENAULT, David. A convergência tecnológica e novo jornalista. **Brazilian Journalism Research**, vol. 9, n. 2, 2013.

SALAVERRÍA, Ramón. Digital journalism: 25 years of research. Review article. **El profesional de la información**, v. 28, n. 1, 2019.

SANSANA, Nadine. A história do rádio em Ponta Grossa a partir das vivências de Aldo Mikaelli. *Cultura Plural*, 2020. Disponível em: < <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=5589>> Acesso em: 11 de janeiro de 2023.

SILVA, Nair Moreira. A convergência das redações e as divergências nos jornalistas. **Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação**. Universidade do Porto, n. 20, 2013.

SHOEMAKER, Pamela; VOS, Tim P. **Teoria do Gatekeeping- seleção e construção da notícia**. **Porto Alegre**: Penso. 2011.

WEBER, Carolina Teixeira. Gatekeeper e gatwatching – repensando a função de selecionador no webjornalismo. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. **INTERCOM**. 2010.

